

EDITORIAL

O primeiro número da Revista **Geographia Opportuno Tempore**, de 2020, traz um conjunto de artigos em diversas temáticas e estimulantes leituras feitas à luz das teorias geográficas e de áreas afins. Esse é o **Volume 6, Número 1 do ano de 2020**, que mantém contínuos volumes anuais, contribuindo para ampliar o horizonte geográfico brasileiro, que, nesse primeiro semestre de 2020, vive a complexidade que envolve a pandemia do Coronavírus, no cotidiano das sociedades.

Por conta disso, a Revista **Geographia Opportuno Tempore**, traz, na Seção Olhares e paisagens sentidas no geográfico, uma coletânea de mais de 100 fotografias do cotidiano das pessoas, em diversos lugares do Brasil e do exterior. Essa Seção, que é dedicada ao recebimento de fotografias de geógrafos, geógrafas e áreas afins, em instantes vividos e percebidos de paisagens brasileiras e internacionais, recebe, individualmente, fotografias dos mais diversos locais. As fotografias recebidas, foram avaliadas pelo corpo científico desta Revista, com publicação de uma imagem por autor e autora a cada volume lançado, porém, por conta do momento histórico vivido, os editores da Seção, resolveram receber contribuições a partir de um edital de chamado para tal fim – o de mostrar o cotidiano das pessoas durante o isolamento social involuntário causado pela pandemia. Se trata de um registro inédito feito por uma revista científica de Geografia, nesse momento histórico.

Além disso, a Revista **Geographia Opportuno Tempore** traz o artigo de autoria de **Jhonatan Silva Corrêa**, intitulado **“GEOGRAFIA CULTURAL: UMA BREVE HISTÓRIA”** com uma breve história sobre a abordagem cultural na Geografia e na Geografia Cultural. Tenta-se, com isso, mostrar as variações que o conceito de cultura sofreu e suas aplicações através das escolas que constituíram e constituem o pensamento geográfico e, por conseguinte, a geografia cultural. Para tanto, foram realizadas pesquisas epistemológicas com o intuito de compreender os processos de transformações aqui apresentados. O período explorado vai desde o final do século XIX até o final do século XX, abarcando, aí, uma breve história da Geografia Cultural.

Já, o artigo denominado **“PLANOS “FORTALEZA 2040” E “CEARÁ 2050”: A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO”** tem autoria de **Juliana Santos Bandeira**, traz apontamentos sobre o conceito de território e suas diferentes concepções através de uma breve análise dos planos estratégicos do governo municipal de Fortaleza e do Governo do Estado do Ceará, intitulados “Fortaleza 2040: Construindo a

Fortaleza que Queremos” e “Ceará 2050 – Juntos pensando o futuro”. Ambos os projetos constituem planejamentos de longo prazo e se desenvolvem sobre outras perspectivas de análise da realidade local. Nosso intuito não é discorrer sobre cada um desses planos, e sim, analisar como projetos, planos e políticas públicas compreendem os territórios e suas especificidades, e de que forma estes, enquanto material de cunho estratégico podem auxiliar na administração e tomadas de decisões dos governos, seja ele municipal ou estadual. Compreender a estrutura organizacional do Município de Fortaleza e do Estado do Ceará e alguns aspectos da mesma, e, deste modo, entender de que forma e porque estes planos foram desenvolvidos, a semelhança existente entre eles e de que maneira eles constituem um objeto de uso, frente à busca pelo desenvolvimento econômico.

As autoras, **Maria Karolina Vigiano da Silva** e **Jully Gabriela Retzlaf Oliveira**, nos brindam com o artigo intitulado **“EXPERIMENTOS DE DEGRADAÇÃO DO SOLO PARA ABORDAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA”** buscam evidenciar que o solo é um recurso natural, base para o desenvolvimento de várias atividades antrópicas, desta forma faz-se necessário seu estudo e conservação, uma vez que o uso inadequado do solo pode acarretar problemas ambientais causando sua degradação e perda de sua qualidade. Este trabalho tem por objetivo discutir a degradação do solo e em específico propor experimentos didáticos para a abordagem do tema nas aulas de Geografia da Educação Básica. Metodologicamente o artigo foi estruturado em: 1) análise e discussão teórica de autores e literaturas especializadas no assunto; 2) seleção de experimentos referentes a degradação do solo para abordagem nas aulas de Geografia da Educação Básica; 3) Testagem dos experimentos selecionados e 4) redação final do trabalho. Como resultados, observou-se que a degradação do solo se refere a perda de uma ou mais de suas qualidades que garantem sua capacidade produtiva, por meio de diferentes fatores tais como: a lixiviação e acidificação, excesso de sais ou salinização, desertificação, poluição, degradação física, erosão hídrica e eólica. Para abordagem da degradação do solo nas aulas de Geografia da Educação Básica é possível utilizar os seguintes experimentos: 1) Experimento de compactação do solo; 2) Experimento de erosão do solo e 3) Experimento de Salinidade do solo.

Eline Farias da Silva e **Daiane Cirilo de Souza**, trazem um assunto interessante com o artigo **“RELIGIOSIDADE POPULAR, LUTA E RESISTÊNCIA: LEGADO CULTURAL QUE PERDURA HÁ 100 ANOS”**, a partir de uma perspectiva da formação do território enquanto espaço da vida cotidiana, na qual se manifestam as mais diversas relações de

poder. Tem como objetivo analisar os aspectos culturais da religiosidade popular, ligadas a crença nos Monge João Maria, e suas relações enquanto forma de luta e resistência para preservar a identidade territorial. Através das imagens apresentadas dos espaços sagrados, procura-se refletir como essas influências religiosas seculares, estão presentes na atualidade e se perpetuaram através da transmissão da cultura oral. Este artigo é resultado de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Apresenta o conceito de território ligado as diversas relações que o compõem, na qual, opondo-se ao de poder hegemônico, conseqüentemente se desdobra em formas de luta e resistência. Neste contexto de formação territorial, enquanto espaço de luta e resistência, temos as representações culturais e simbólicas do monge José Maria, em quanto curandeiro, conselheiro e profeta, que mobiliza lideranças para a guerra do contestado. O cotidiano presente, através desses espaços históricos, na figura do monge João Maria e nas águas santas, leva a crenças que duram mais de cem. Na qual, vê-se a força dessa cultura, transmitida pela oralidade do povo caboclo, através da fé no Monge, que se configura como uma forma de resistência. Mostra que o espaço concreto que lhes é negado, se materializa na construção da simbologia da religiosidade popular.

A caracterização das chuvas, em Assis/SP, é o tema abordado por **Rafael Gotardi Brússolo, Bruno César dos Santos e Francisco Arthur da Silva Vecchia** no artigo **“CARACTERIZAÇÃO DAS CHUVAS NO MUNICÍPIO DE ASSIS (SP) NO RECORTE TEMPORAL DE 1991 A 2016”**, traçam a caracterização pluviométrica de anos padrões, de acordo com Monteiro (1976) e Sant’Anna Neto (1995). Ao mesmo tempo, o estudo analisou os eventos extremos, com o intuito de verificar qual a relação desses eventos com o fenômeno El Niño/La Niña, a forte ou fraca atuação de eventos da Zona de Convergência da América do Sul (ZCAS), cavados, bloqueios atmosféricos etc. Para a caracterização de eventos denominados normais, tendentes a secos, secos, tendentes a chuvosos e chuvosos foi utilizada a proposta metodológica de Monteiro (1976): desvios variando entre +15% ou -15%: Normal; desvios de -15% a -30%: tendentes a seco; desvios de -30%: seco; desvios de +15% a +30%: tendentes a chuvoso e desvios de +30%: chuvosos. Os resultados demonstraram que a habitualidade na área de estudo prevalece em primeira ordem, totalizando aproximadamente 69,10% dos anos, como segunda ordem 15,30% dos anos Tendentes a Chuvosos, como terceira 7,60% anos Tendentes a Secos e por última ordem ficou com 3,80%, os anos classificados como extremos (seco e chuvoso).

Com o objetivo de analisar os discursos que envolvem o meio ambiente e o agronegócio, **Sheila Castro dos Santos** e **Carlandio Alves da Silva** trazem o artigo **“O AGRO É POP E NÃO PRESERVA NINGUÉM: OS DISCURSOS ANTAGÔNICOS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL”**, que vem com a proposta de explicitar um dos temas mais debatidos na contemporaneidade no que se diz respeito ao do avanço do agronegócio no Brasil, influenciado pelas mídias com discursos engrandecedores e entusiasmantes, de que o Agro é pop, o Agro teck e o Agro é tudo. Não mostrando dessa maneira a outra face que o tal discurso esconde. As questões econômicas, sociais e ambientais que aos olhos e ouvidos da população parece estar em harmonia com a natureza, gerando riqueza para o país e trabalho. Utilizou-se para tal empreendimento teóricos da geografia e demais ciências que tratam do tema, com a metodologia de pesquisa qualitativa, de viés bibliográfico com o método da análise do discurso, com base textual descritiva e explicativa, desenvolveu-se a linha de raciocínio, onde pode ser constatado que as relações imposta pelo agronegócio impõem ao grande público das mídias eletrônicas visando o crescimento econômico, no entanto escondem que o beneficiário é o detentor das fortunas e não o pequeno produtor. Foi evidenciado que o poder dos atores sintagmáticos que envolvem o Estado nas mais diversas esferas de poder auxiliando na construção falaciosa da bondade do agronegócio.

Alyson Bueno Francisco apresenta no artigo **“A AMPLIAÇÃO DA ESCALA GEOGRÁFICA: OS ESTUDOS IDIOGRÁFICOS E O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA”**, mostrando que durante a trajetória do pensamento geográfico ocorre a fundamentação dos estudos por meio da escala regional. No entanto, nas últimas décadas a escala local está presente em inúmeras pesquisas na Geografia e o desenvolvimento das geotecnologias favoreceu o detalhamento das informações cartográficas. O trabalho de campo se destaca com metodologia fundamental para a Geografia diante da diversidade do espaço geográfico e as observações e descrições dos objetos de estudo, que estavam presentes nos estudos anteriores à sistematização da ciência geográfica, são necessárias para a representação real dos objetos. Os autores da Antiguidade como Erastótenes e Estrabão, as descrições das expedições realizadas por Humboldt e a Geografia corológica de Hettner na Alemanha do início do século XX, são exemplos da proposta metodológica do empirismo na Geografia. No campo da Geografia Física estão presentes os estudos de monitoramento dos fenômenos naturais e estes diagnósticos detalhados garantem as indicações das áreas a serem recuperadas dos impactos ambientais. Assim, nos últimos anos as grandes escalas estão presentes nos estudos geográficos.

Émerson Dias de Oliveira, Suéllen Mattei Praczum, Pâmella Fernanda Romano e Thawana Proença Yamashita, discorrem sobre perspectivas conceituas da Geografia no ensino, por meio do artigo **“O ENSINO DA GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DOS SEUS CONCEITOS FUNDAMENTAIS: ESPAÇO, LUGAR, TERRITÓRIO, REGIÃO E PAISAGEM”**, demonstrando que a Geografia enquanto uma ciência que se volta em explicar e situar a realidade social está caracterizada por ser destacada quase sempre somente a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo que mesmo assim, esta é secundarizada perante as demais disciplinas. Portanto, apenas nos cursos superiores específicos desta disciplina é que os seus conceitos fundamentais passam a serem discutidos mais intensamente. Com isso, ao longo de todo o percurso estudantil, a Geografia se coloca enquanto um saber dissociado da realidade discente, resultando em desinteresse e secundarização da Geografia escolar. Desta feita, o presente estudo traz à tona a importância que a contextualização dos conceitos geográficos possui no ensino desde os primeiros anos de estudo da criança e evidencia o papel do professor neste desafio. Para tanto, coloca-se uma breve discussão acerca dos principais conceitos geográficos, um discurso que busca aproximar o cotidiano discente e as reflexões teóricas desta ciência. Enfim, um desafio que exige toda uma reestruturação da prática docente, do papel da escola neste processo e, principalmente, uma maior atenção nos cursos de licenciatura em Pedagogia, pois é desde a formação do professor (a) que este cuidado deve ser frisado, mostrando a importância que esta metodologia exerce na formação de cidadãos críticos e ciente do seu papel na sociedade.

Por fim, **Pamela Cichoski**, traz uma resenha sobre a obra *Por uma Geografia do Poder*, de Claud Raffestin (1983), com objetivo apresentar os principais aspectos da obra supracitada, buscando ressaltar as contribuições do autor para a ciência geográfica.

Desejamos a Todos e Todas, uma excelente leitura.

Nilson Cesar Fraga – editor